

26. CONCEBIDO PELO PODER DO ESPÍRITO SANTO, NASCIDO DA VIRGEM MARIA

484-511



INTRODUÇÃO

O tema principal destes parágrafos continua sendo a encarnação, mas a partir da preparação que Deus realiza em Maria (488-489), preservando-a de toda a mancha do pecado original (490-493). Maria responde com a obediência da fé, tornando-se assim a Mãe de Jesus (494) e a Mãe de Deus (495). O fato e o mistério de Maria conceber pelo poder do Espírito Santo tem a sua expressão corporal na concepção virginal (496-498), virgindade esta que é real a perpétua (499-501) e tem significado salvífico (502-507).

Texto 484-511

PARÁGRAFO 2

CONCEBIDO PELO PODER DO ESPÍRITO SANTO, NASCIDO DA VIRGEM MARIA

I. Concebido pelo poder do Espírito Santo

484. A Anunciação a Maria inaugura a “plenitude dos tempos” (Gl 4,4), isto é, o cumprimento das promessas e das preparações. Maria é convidada a conceber aquele em quem habitará “corporalmente a plenitude da divindade” (Cl 2,9). A resposta divina à sua pergunta “Como se fará isto, se não conheço homem algum?” (Lc 1,34) é dada pelo poder do Espírito: “O Espírito Santo virá sobre ti” (Lc 1,35).

Parágrafos relacionados: 461, 721.

485. A missão do Espírito Santo está sempre conjugada e ordenada à do Filho. O Espírito Santo é enviado para santificar o seio da Virgem Maria e fecundá-la

divinamente, ele que é “o Senhor que dá a Vida”, fazendo com que ela conceba o Filho Eterno do Pai em uma humanidade proveniente da sua.

Parágrafos relacionados: 689, 723.

486. Ao ser concebido como homem no seio da Virgem Maria, o Filho Único do Pai é “Cristo”, isto é, ungido pelo Espírito Santo desde o início de sua existência humana, ainda que sua manifestação só se realize progressivamente: aos pastores, aos magos, a João Batista, aos discípulos. Toda a Vida de Jesus Cristo manifestará, portanto, “como Deus o ungiu com o Espírito e com poder” (At 10,38).

Parágrafo relacionado: 437.



II. Nascido da Virgem Maria

487. O que a fé católica crê acerca de Maria funda-se no que ela crê acerca de Cristo, mas o que a fé ensina sobre Maria ilumina, por sua vez, sua fé em Cristo.

Parágrafo relacionado: 963.

A PREDESTINAÇÃO DE MARIA

488. “Deus enviou Seu Filho” (Gl 4,4), mas, para “formar-lhe um corpo” quis a livre cooperação de uma criatura. Por isso, desde toda a eternidade, Deus escolheu, para ser a Mãe de Seu Filho, uma filha de Israel, uma jovem judia de Nazaré na Galiléia, “uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria” (Lc 1,26-27):

Quis o Pai das misericórdias que a Encarnação fosse precedida pela aceitação daquela que era predestinada a ser Mãe de seu Filho, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, uma mulher também contribuisse para a vida.

489. Ao longo de toda a Antiga Aliança, a missão de Maria foi preparada pela missão de santas mulheres. No princípio está Eva: a despeito de sua desobediência, ela recebe a promessa de uma descendência que será vitoriosa sobre o Maligno e a de ser a mãe de todos os viventes. Em virtude dessa promessa, Sara concebe um filho, apesar de sua idade avançada. Contra toda expectativa humana, Deus escolheu o era tido como impotente e fraco para mostrar sua fidelidade à sua promessa: Ana, a mãe de Samuel,

Débora, Rute, Judite e Ester, e muitas outras mulheres. Maria “sobressai entre (esses) humildes e pobres do Senhor, que dele esperam e recebem com confiança a Salvação. Com ela, Filha de Sião por excelência, depois de uma demorada espera da promessa, completam-se os tempos e se instaura a nova economia”.

Parágrafos relacionados: 722, 410, 145, 64.



A IMACULADA CONCEIÇÃO

490. Para ser a Mãe do Salvador, Maria: “foi enriquecida por Deus com dons dignos para tamanha função”. No momento da Anunciação, o anjo Gabriel a saúda como “cheia de graça”. Efetivamente, para poder dar o assentimento livre de sua fé ao anúncio de sua vocação era preciso que ela estivesse totalmente sob a moção da graça de Deus.

Parágrafos relacionados: 2676, 2853, 2001.

491. Ao longo dos séculos, a Igreja tomou consciência de que Maria, “cumulada de graça” por Deus, foi redimida desde a concepção. E isso que confessa o dogma da Imaculada Conceição, proclamado em 1854 pelo papa Pio IX:

A beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano foi preservada imune de toda mancha do pecado original.

Parágrafo relacionado: 411

492. Esta “santidade resplandecente, absolutamente única” da qual Maria é enriquecida desde o primeiro instante de sua conceição lhe vem inteiramente de Cristo: “Em vista dos méritos de seu Filho, foi redimida de um modo mais sublime”. Mais do que qualquer outra pessoa criada, o Pai a “abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais,

nos céus, em Cristo” (Ef 1,3). Ele a “escolheu nele (Cristo), desde antes da fundação do mundo, para ser santa e imaculada em sua presença, no amor” (Ef 1,4).

Parágrafos relacionados: 2011, 1077.

493. Os Padres da tradição oriental chamam a Mãe de Deus “a toda santa” (*Pan-hagia*), celebram-na como “imune de toda mancha de pecado, tendo sido plasmada pelo Espírito Santo, e formada como uma nova criatura”. Pela graça de Deus, Maria permaneceu pura de todo pecado pessoal ao longo de toda a sua vida.



FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A TUA PALAVRA

494. Ao anúncio de que, sem conhecer homem algum, ela conceberia o Filho do Altíssimo pela virtude do Espírito Santo, Maria respondeu com a “obediência da fé”, certa de que “nada é impossível a Deus”: “Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,37-38). Assim, dando à Palavra de Deus o seu consentimento, Maria se tomou Mãe de Jesus e, abraçando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina de salvação, entregou-se ela mesma totalmente à pessoa e à obra de seu Filho, para servir, na dependência dele e com Ele, pela graça de Deus, ao Mistério da Redenção.

Parágrafos relacionados: 2617, 148, 968.

Como diz Santo Irineu, *obedecendo, se fez causa de salvação tanto para si como para todo o gênero humano*. Do mesmo modo, não poucos antigos Padres dizem com ele: “O nó da desobediência de Eva foi desfeito pela obediência de Maria; o que a virgem Eva ligou pela incredulidade a virgem Maria desligou pela fé”. Comparando Maria com Eva, chamam Maria de “mãe dos viventes” e com frequência afirmam: “Veio a morte por Eva e a vida por Maria.

Parágrafo relacionado: 726.

A MATERNIDADE DIVINA DE MARIA

495. Denominada nos Evangelhos “a Mãe de Jesus” (Jo 2,1; 19,25), Maria é aclamada, sob o impulso do Espírito, desde antes do nascimento de seu Filho, como “a Mãe de meu Senhor” (Lc 1,43). Com efeito, Aquele que ela concebeu Espírito Santo como homem e que se tornou verdadeiramente seu Filho segundo a carne não é outro que o Filho eterno do Pai, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é verdadeiramente Mãe de Deus (*Theotókos*).

Parágrafos relacionados: 466, 2677.

A VIRGINDADE DE MARIA

496. Desde as primeiras formulações da fé, a Igreja confessou que Jesus foi concebido exclusivamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, afirmando também o aspecto corporal deste evento: Jesus foi concebido “do Espírito Santo, sem sêmen”. Os Padres veem na conceição virginal o sinal de que foi verdadeiramente o Filho de Deus que veio numa humanidade como a nossa:

Assim, Santo Inácio de Antioquia (início do século II): *Estais firmemente convencidos acerca de Nossa Senhor, que é verdadeiramente da raça de Davi segundo a carne, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus, verdadeiramente nascido de uma virgem... ele foi verdadeiramente pregado, na sua carne, (à cruz) por nossa salvação sob Pôncio Pilatos... ele sofreu verdadeiramente, como também ressuscitou verdadeiramente.*

497. Os relatos evangélicos entendem a conceição virginal como uma obra divina que ultrapassa toda compreensão e toda possibilidade humanas: “O que foi gerado nela vem do Espírito Santo”, diz o anjo a José acerca de Maria, sua noiva (Mt 1,20). A Igreja vê aí o cumprimento da promessa divina dada pelo profeta Isaías: “Eis que a virgem conceber e dará à luz um filho” (Is 7,14, segundo a tradução grega de Mt 1,23).

498. Por vezes tem-se estranhado o silêncio do Evangelho de São Marcos e das epístolas do Novo Testamento sobre a concepção virginal de Maria. Houve também quem se perguntasse se não se trataria aqui de lendas ou de construções teológicas sem pretensões históricas. A isto deve-se responder: a fé na concepção virginal de Jesus deparou com intensa oposição, zombarias ou incompreensões da parte dos não-crentes, judeus e pagãos. Ela não era motivada pela mitologia pagã ou por alguma adaptação às ideias do tempo. O sentido deste acontecimento só é acessível à fé, que o vê no “nexo que interliga os mistérios entre si”, no conjunto dos Mistérios de Cristo, desde a sua Encarnação até a sua Páscoa. Santo Inácio de Antioquia já dá testemunho deste nexo: “O príncipe deste mundo ignorou a virgindade de Maria e o seu parto, da mesma forma que a Morte do Senhor: três mistérios proeminentes que se realizaram no silêncio de Deus”.

Parágrafos relacionados: 90, 2717.



MARIA - SEMPRE VIRGEM

MARIA - SEMPRE VIRGEM

499. O aprofundamento de sua fé na maternidade virginal levou a Igreja a confessar a virgindade real e perpétua de Maria, mesmo no parto do Filho de Deus feito homem. Com efeito, o nascimento de Cristo "não lhe diminuiu, mas sagrou a integridade

"virginal" de sua mãe. A Liturgia da Igreja celebra Maria como a *Aeiparthenos*, "sempre virgem".

500. A isto objeta-se por vezes que a Escritura menciona Irmãos e irmãs de Jesus. A Igreja sempre entendeu que essas passagens não designam outros filhos da Virgem Maria: com efeito, Tiago e José, "irmãos de Jesus" (Mt 13,55), são os filhos de uma Maria discípula de Cristo que significativamente é designada como "a outra Maria" (Mt 28,1). Trata-se de parentes próximos de Jesus, consoante uma expressão conhecida do Antigo Testamento.

501. Jesus é o Filho Único de Maria. Mas a maternidade espiritual de Maria estende-se a todos os homens que Ele veio salvar: Ela gerou seu Filho, do qual Deus fez "o primogênito entre uma multidão de irmãos" (Rm 8,29), isto é, entre os fiéis, em cujo nascimento e educação Ela coopera com amor materno.

Parágrafos relacionados: 969,970.

A MATERNIDADE VIRGINAL DE MARIA NO DESÍGNIO DE DEUS

502. O olhar da fé pode descobrir, tendo em mente o conjunto da Revelação, as razões misteriosas pelas quais Deus, em seu desígnio salvífico, quis que seu Filho nascesse de uma virgem. Essas razões tocam tanto a pessoa e a missão redentora de Cristo quanto o acolhimento desta missão por Maria em favor de todos os homens.

Parágrafo relacionado: 90.

503. A virgindade de Maria manifesta a iniciativa absoluta de Deus Encarnação. Jesus tem um só Pai: Deus. "A natureza humana que ele assumiu nunca o afastou do Pai...; por natureza, Filho de seu Pai segundo a divindade; por natureza, Filho de sua Mãe, segundo a humanidade; mas propriamente Filho de Deus em suas duas naturezas".

Parágrafo relacionado: 422.

504. Jesus é concebido pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, pois ele é o Novo Adão que inaugura a nova criação: "O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre; o segundo homem vem do Céu" (1Cor 15,47). A humanidade de Cristo é, desde a sua concepção, repleta do Espírito Santo, pois Deus "lhe dá o Espírito sem medida" (Jo 3,34). É da "plenitude dele", cabeça da humanidade remida, que "nós recebemos graça sobre graça" (Jo 1,16).

Parágrafo relacionado: 359.

505. Jesus, o Novo Adão, inaugura por sua concepção virginal o novo nascimento dos filhos de adoção no Espírito Santo pela fé. "Como se fará isto?" (Lc 1,34). A participação na vida divina não vem "do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus" (Jo 1,13). O acolhimento desta vida é virginal, pois esta é totalmente dada pelo Espírito ao homem. O sentido esponsal da vocação humana em relação a Deus é realizado perfeitamente na maternidade virginal de Maria.

Parágrafo relacionado: 1265.

506. Maria é virgem porque sua virgindade é o sinal de sua fé, absolutamente livre de qualquer dúvida, e de sua doação sem reservas à vontade de Deus. É sua fé que lhe concede tomar-se a Mãe do Salvador: "*Beator est Maria percipiendo fidem Christi quam concipiando carnem Christi* - Maria é mais bem-aventurada recebendo a fé de Cristo do que concebendo a carne de Cristo".

Parágrafos relacionados: 148, 1814.

507. Maria é ao mesmo tempo Virgem e Mãe por ser a figura e a mais perfeita realização da Igreja. “A Igreja... torna-se também ela Mãe por meio da palavra de Deus que ela recebe na fé, pois pela pregação e pelo Batismo ela gera para a vida nova e imortal os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus. Ela é também a virgem que guarda, íntegra e puramente, a fé dada a seu Esposo.”

Parágrafos relacionados: 967, 149.

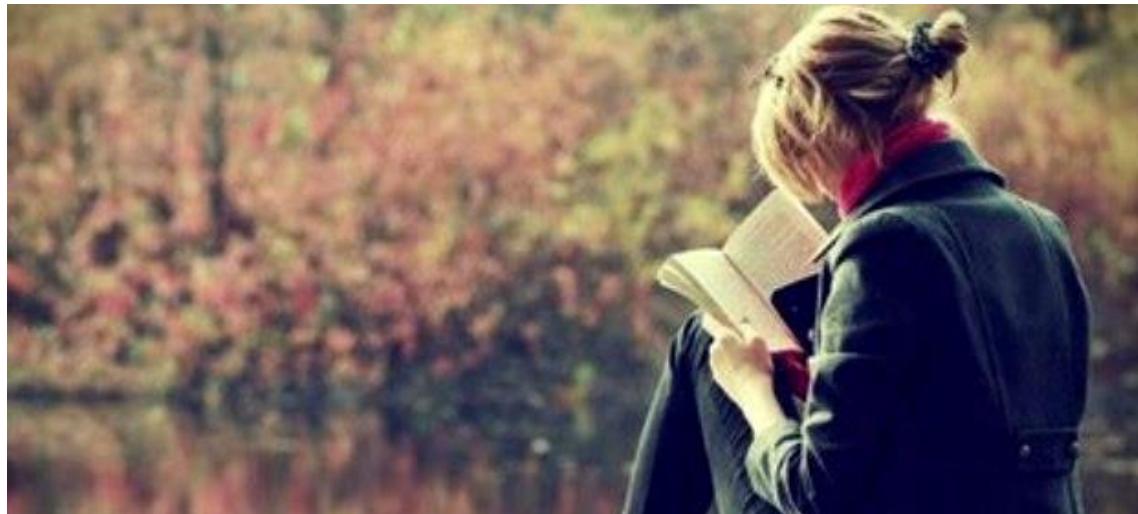
RESUMINDO

508. *Na descendência de Eva, Deus escolheu a Virgem Maria para ser a Mãe de seu Filho. “Cheia de graça”, ela é “o fruto mais excelente da Redenção”. Desde o primeiro instante de sua concepção, foi totalmente preservada da mancha do pecado original e permaneceu pura de todo pecado pessoal ao longo de toda a sua vida.*

509. *Maria é verdadeiramente “Mãe de Deus”, visto ser a Mãe do Filho Eterno de Deus feito homem, que é ele mesmo Deus.*

510. *Maria “permaneceu Virgem concebendo seu Filho, Virgem ao dá-lo à luz, Virgem ao carregá-lo, Virgem ao alimentá-lo de seu seio, Virgem sempre”: com todo o seu ser Ela é “a Serva do Senhor” (Lc 1,38).*

511. *A Virgem Maria cooperou “para a salvação humana com livre fé e obediência” Pronunciou seu “fiat” (faça-se) “em representação de toda a natureza humana” Por sua obediência, tornou-se a nova Eva, Mãe dos viventes.*



Revisando temas

Os parágrafos que estudamos nos falam de Maria e por isso mesmo de Jesus Cristo. Há uma necessária e estreita correspondência entre o que cremos sobre Jesus Cristo e aquilo que afirmamos de Maria. De fato, “o que a fé católica crê acerca de Maria funda-se no que ela crê acerca de Cristo, mas o que a fé ensina sobre Maria ilumina, por sua vez, sua fé em Cristo” (487). A verdadeira devoção de Nossa Senhora não desvia o cristão de Cristo nem ameaça a sua centralidade. Pelo contrário, a verdadeira devoção a Maria nos faz melhores cristãos. Levando em conta essa estreita correspondência entre o que a fé crê a respeito de Maria e a centralidade que Cristo ocupa na mesma fé católica, o Catecismo expõe os dogmas marianos.

1. A Imaculada Conceição

A Igreja reconhece que Maria “foi preservada imune de toda a mancha do pecado original” (490). E ela descobre tal verdade no chamado proto-evangelho (Gn 3,15), no qual está afirmada a inimizade entre Eva e a serpente, entre a descendência da mulher e a do poder de sedução. Maria é a segunda Eva, unida ao segundo Adão que é Cristo. Ora, esta inimizade completa de Maria em relação ao poder do mal já encerra em si, profeticamente, a verdade de que Maria jamais pôde estar sujeita a tal poder ou manchada por ele.

A passagem de Gn 3,15 exprime de forma negativa (a isenção de Maria do pecado) o que as palavras do anjo Gabriel afirmam positivamente: “tu és cheia de graça”. O fato de Maria ser “cheia de graça” não é um mero atributo humano provisório e superficial. Pelo contrário, trata-se de um estado essencial e fundamental de Maria, uma condição que lhe é própria de maneira pessoal.

Diante dessa “graça singular e privilégio” de Maria, surge espontânea a pergunta: a imaculada conceição de Maria (a sua isenção do pecado original) faz dela alguém que não precisa da redenção de Cristo? Significa colocar Maria em pé de igualdade com o Redentor? A esse questionamento o Catecismo responde de maneira clara: “Esta santidade resplandecente, absolutamente única da qual Maria é enriquecida desde o primeiro instante de sua conceição **Ihe vem inteiramente de Cristo**” (492).

O dogma da Imaculada Conceição de Maria não quer, de forma alguma, diminuir o alcance nem a necessidade da ação redentora de Cristo. Pelo contrário, se bem entendido, esse dogma consolida a ação redentora de Cristo de maneira mais luminosa ainda.

É preciso levar em conta que a isenção de Maria de toda mancha do pecado original se dá “por singular graça e privilégio de Deus, **em vista dos méritos de Jesus Cristo**”. Com a isenção de Maria do pecado, a obra salvadora de Cristo não é de forma alguma colocada de lado nem diminuída. Pelo contrário, a obra redentora de Cristo é realmente tão poderosa que alcança todo o tempo (também os que vieram antes de Cristo são salvos por Ele) e o supera. Dessa maneira, os efeitos da obra redentora podem atingir e ser aplicados a uma criatura antes mesmo de sua existência terrena (esse é o caso de Maria).

Por isso, crer na imaculada conceição significa contemplar o mistério da redenção não como uma ação limitada ao tempo e ao espaço, mas como maravilhoso agir de Deus eterno para além do tempo e do espaço. O dogma da imaculada conceição não separa Maria de Cristo, mas a reconduz a Ele. A conceição imaculada de Maria é a ação redentora que se antecipa em Maria; é a ação de Cristo que prepara o espaço materno no seio da humanidade a fim de realizar a encarnação. Assim a imaculada conceição de Maria não limita a ação redentora, pelo contrário realça o seu poder de agir se antecipando ao ser humano.

Na fé católica não existe auto-salvação: nós somos todos salvos por Cristo, também Maria. E a sua imaculada conceição está aí para provar isso. Nesse sentido, Maria não é uma exceção: ela é a primeira redimida por Cristo.

A preservação do pecado não faz de Maria menos ser humano (uma semi-deusa)? Para responder a essa pergunta devemos olhar para o mistério do Verbo encarnado. Jesus era em tudo igual a nós, menos no pecado, e é exatamente por isso que Ele é homem perfeitamente íntegro. Assim é preciso corrigir o ditado: “errar é humano”. O pecado é o que mais desumano pode ocorrer; ele desumaniza e embrutece.

2. A maternidade divina de Maria

A afirmação de que “Maria é verdadeiramente mãe de Deus” (495) é uma afirmação cristológica. Mais exatamente: reconhecer a maternidade divina de Maria tem por finalidade confessar a verdade da encarnação do Verbo; negar a maternidade divina de Maria implica também negar a verdade da encarnação: que Deus possa se tornar homem em senso verdadeiro e real e que um homem possa ser assumido na unidade pessoal com o Filho de Deus.

“Aquele que ela concebeu Espírito Santo como homem e que se tornou verdadeiramente seu Filho segundo a carne não é outro que o Filho eterno do Pai, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade” (495).

Maria não se tornou mãe apenas de um homem, mas do Filho de Deus que realmente se fez homem. A verdade da maternidade divina de Maria sublinha que Cristo é Filho de Deus e ao mesmo tempo verdadeiro homem. Sublinha também que Ele, como filho de uma mãe humana, continua a existir na unidade divino-humana, isto é, que é e permanece Homem-Deus.

3. A virgindade de Maria

A maternidade divina de Maria está ligada estreitamente à virgindade de Maria: “Desde as primeiras formulações da fé, a Igreja confessou que Jesus foi concebido exclusivamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, afirmindo também o aspecto corporal deste evento: Jesus foi concebido ‘do Espírito Santo, sem sêmen’. Os Padres veem na conceição virginal o sinal de que foi verdadeiramente o Filho de Deus que veio numa humanidade como a nossa” (496).

A maternidade virginal de Maria tem um inegável caráter espiritual: a dedicação total a e a sua fé perfeita em Deus constituem, de fato, o núcleo mais íntimo da virgindade de Maria. É exatamente essa convicção que fez Santo Agostinho escrever: “Maria é bem-aventurada mais por ter acolhido a fé em Cristo do que por ter concebido a sua carne” (*De sacra virginitate* 3,3).

Contudo esse aspecto espiritual não diminui o aspecto corporal da maternidade virginal de Maria. Com efeito, a salvação diz respeito a todo o ser humano: ao espírito, à alma e ao corpo. A Igreja e a tradição patrística nunca pensaram, por conseguinte, numa virgindade unicamente espiritual, mesmo que sempre tenha reconhecido a importância do senso espiritual da maternidade virginal.

Além de respeitar e salvaguardar a unidade de corpo e alma do ser humano, a concepção virginal de Maria mostra e exige o momento criativo divino. A nova criação da nova humanidade em Cristo é uma ação exclusiva de Deus. Ela “vem do alto”, sem a intervenção do ser humano.

A maternidade virginal é, portanto, um evento que depende da iniciativa soberana de Deus, de tal forma que “o nascido da Virgem” é única e diretamente realizado por Deus, pela liberdade e pelo imediatismo do mistério de sua ação soberana (aspecto corporal), que suscita e exige a aceitação livre e a responsável disponibilidade de Maria que não conhece outro parceiro nem outro destinatário de sua dedicação que não seja Deus (aspecto espiritual). Em outras palavras: a virgindade corporal de Maria é o sinal psicofísico da sua dedicação a Deus.

O mistério da virgindade de Maria ilumina o próprio mistério da nova criação. A redenção é de fato obra da graça de Deus. Da parte de Deus, a nova criação depende de sua soberana iniciativa. Mas a soberania divina não se substitui à liberdade humana.

Antes a suscita, a sustenta e a coroa. Assim A plena soberania de Deus na salvação pressupõe uma receptividade obediente. Maria, Mãe e Virgem, é o cume e a síntese tanto da receptividade humana quanto da mediação eclesial da salvação.

Leitura complementar

Bento XVI. *Jesus de Nazaré. A infância de Jesus*, 2012, 47-52.

Devemos pôr-nos muito seriamente a questão seguinte: os dois evangelistas Mateus e Lucas (...) nos referem sobre a concepção de Jesus por obra do Espírito no seio da Virgem Maria é um acontecimento histórico real, ou é uma lenda piedosa que (...) quer exprimir e interpretar o mistério de Jesus? (...) As narrações em Mateus e Lucas não são formas mais desenvolvidas de mitos. Segundo a sua noção de fundo, estão solidamente colocadas na tradição bíblica de Deus Criador e Redentor. Mas quanto ao conteúdo concreto, provêm de tradição familiar, são uma tradição transmitida que conserva o sucedido. Eu consideraria como única explicação verdadeira daquelas narrativas aquilo que Joaquim Gnilka (...) exprime sob forma de pergunta: “Terá porventura o mistério do nascimento de Jesus sido sobreposto ao Evangelho num segundo tempo, ou não se demonstrará antes que o mistério era conhecido, só que não se queria falar demasiado dele nem torná-lo um acontecimento vulgar ao alcance da mão?” Parece-me normal que só depois da morte de Maria se pudesse tornar público o mistério e entrar na tradição comum do cristianismo primitivo; então podia ser inserido no desenvolvimento da doutrina cristológica e relacionado com a confissão que reconhecia em Jesus o Cristo, o Filho de Deus. E não no sentido de que de uma ideia se terá depois desenvolvido uma narração, transformando a ideia num fato, mas ao contrário: o acontecimento, um fato então dado a conhecer, tornava-se objeto de reflexão, à procura da sua compreensão. (...) Em Mateus e Lucas, nada encontramos duma viragem cósmica, nada de contatos físicos entre Deus e os homens: é-nos narrada uma história muito humilde e todavia, por isso mesmo, de uma grandeza enorme. É a obediência de Maria que abre a porta a Deus. A Palavra de Deus, o seu Espírito, cria nela o Menino; cria-O através da porta da sua obediência. (...) O que dizemos no *Credo* – “creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria” – é verdade? A resposta, sem qualquer hesitação, é sim. (...) Na história de Jesus há dois pontos nos quais o agir de Deus intervém diretamente no mundo material: o seu nascimento da Virgem e a ressurreição do sepulcro, de onde Jesus saiu e não sofreu a corrupção. Estes dois pontos são um escândalo para o espírito moderno. A Deus é concedido agir sobre ideias e os pensamentos, na esfera espiritual, mas não sobre a matéria. Isto perturba; não é ali o seu lugar. Mas é precisamente disso que se trata: de que Deus é Deus, e não Se move apenas no mundo das ideias. Neste sentido, em ambos os pontos, trata-se precisamente de Deus ser Deus. Está em jogo a questão: também Lhe pertence a matéria? Naturalmente, não se pode atribuir a Deus coisas insensatas, ou não razoáveis, ou que estejam em contraste com a sua criação. Ora, aqui não se trata de algo não razoável ou contraditório, mas precisamente de algo positivo: do poder criador de Deus, que abraça todo o ser. Por isso, estes dois pontos – o parto virginal e a ressurreição real do túmulo – são verdadeiro critério da fé. Se Deus não tem poder também sobre a matéria, então Ele não é Deus. Mas Ele possui esse poder e, com a concepção e a ressurreição de Jesus Cristo inaugurou uma nova criação; assim, enquanto Criador, Ele é também o nosso Redentor. Por isso, a concepção e o nascimento de Jesus da Virgem Maria são elementos fundamentais da nossa fé e um luminoso sinal de esperança.